

Aline G. Klauck e Sarue Brunetto - O Mapa da Mina

## O Mapa da Mina

Aline G. Klauck<sup>1</sup>  
Sarue Brunetto  
Universidade Federal de Santa Catarina

Conduzidos pelo objetivo de conhecer aspectos relevantes da história local, bem como alguns aspectos do patrimônio cultural catarinense, nos dias 20 e 21 de Outubro do presente ano, saímos em viagem para as cidades de Criciúma e Laguna, localizadas respectivamente a 197 e 122 Km ao sul da capital Florianópolis. A propósito de compreender as principais características do povoamento e colonização destas cidades, e como já dito, ter contato com os aspectos que constituem a história local, como as construções, os discursos expressos, museus e demais espaços de memória, bem como os espaços de pesquisas e de estudos que se constituíram nestas localidades, desenvolvemos a atividade proposta pela disciplina de História de Santa Catarina, como prática de ensino como componente curricular, por meio da experiência da viagem de estudos.

Gostaríamos de analisar com mais detalhes nossa visita à cidade de Criciúma, em especial a visita à Mina Otávio Fontana e ao Centro de Memória e Documentação da Unesc.

Historicamente podemos afirmar que a primeira tentativa de explorar economicamente o carvão catarinense data de 1861 quando o político e diplomata baiano Felisberto Caldeira Brandt, o Visconde de Barbacena, recebe do imperador D. Pedro II a concessão para explorar carvão na localidade de Lauro Müller. Daquele ano até 1950, fatos importantes contribuíram para, ora dar importância ao carvão catarinense ora projetá-lo em profundas crises. Assim foi durante a Primeira Grande Guerra Mundial de 1914 a 1918 e durante a Segunda Guerra de 1939 a 1945, quando em ambos os conflitos o carvão catarinense foi valorizado pela impossibilidade de se importar o produto e esquecido após o término destes conflitos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Este relatório foi elaborado a partir de uma saída de campo para a região sul do estado, na disciplina de História de Santa Catarina, ministrada pela profª. Dra. Cristina Scheibe. As autoras são estudantes de graduação do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Os emails para contato, são, respectivamente: [alineklauck@yahoo.com.br](mailto:alineklauck@yahoo.com.br) e [saruebrunetto@hotmail.com](mailto:saruebrunetto@hotmail.com).

<sup>2</sup> BELOLLI, Mário et al. *História do carvão de Santa Catarina*. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.



Aline G. Klauck e Sarue Brunetto - O Mapa da Mina

É importante ressaltar que, na década de 1930, no primeiro Governo de Getúlio Vargas, o carvão nacional recebeu grande apoio pela edição de vários dispositivos legais que o inseriram como importante produto no desenvolvimento industrial do Estado e como combustível para acionar as ferrovias e a navegação. A mudança de diretrizes políticas provocada pela Revolução de 1930 ocasionou uma série de medidas de valorização dos produtos brasileiros e substituição das importações. Nesse cenário o carvão de Santa Catarina foi considerado estratégico para a industrialização brasileira<sup>3</sup>.

Dois marcos importantes que merecem ser destacados, pois contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da indústria carbonífera catarinense. O primeiro, a construção da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, hoje Ferrovia Teresa Cristina, inaugurada em 1884, ligando o Porto de Imbituba à cidade de Lauro Müller e a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, implantada em 1942, na cidade de Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro.

A exploração do carvão catarinense desenvolve-se na Região Sul do Estado, onde importantes centros de mineração se desenvolvem nos municípios de Lauro Müller, Urussanga, Siderópolis, Treviso, Criciúma, Forquilha, Içara, Morro da Fumaça e Maracajá<sup>4</sup>.

Em 1904 o ministro Lauro Müller convida para vir ao Brasil o geólogo americano Israel Charles White – visita esta que ficaria conhecida como “Comissão White no Brasil” – a fim de realizar os primeiros trabalhos de prospecção do carvão na região de Araranguá, de onde Criciúma na época era distrito. Na oportunidade foi criada assim, pelo Ministério da Indústria, Comércio e Obras Públicas, a “Comissão de Estudos do Carvão Nacional”, tendo na sua chefia o próprio geólogo I. C. White, como é conhecido mundialmente<sup>5</sup>.

“No encaminhamento dessas informações, sabe-se que àquele Ministério foram lembradas outras jazidas carboníferas situadas no sul do Estado, figurando entre elas a mina de Cresciúma, analisada e julgada uma das mais aproveitáveis, não só pela natureza do combustível, como ainda, principalmente, pela facilidade do transporte (...). Há poucos dias, do Rio de Janeiro, telegrafaram para Laguna pedindo informar quantas toneladas mensais poderia a mina de Cresciúma fornecer à Repartição da Iluminação Pública do Rio<sup>6</sup>”.

---

<sup>3</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 43.



Aline G. Klauck e Sarue Brunetto - O Mapa da Mina

Dos estudos desenvolvidos, originou-se a formação da primeira empresa mineradora para a exploração de carvão na região de Criciúma – a Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá, em 1916. Na oportunidade, a primeira providência foi a aquisição de várias áreas de terra, pertencentes dos colonos da região, para a construção dos pavilhões da empresa<sup>7</sup>. No período entre 1917 e 1922, portanto, foram organizadas as primeiras empresas de mineração de carvão mineral de Santa Catarina. No Estado, até 1938, todo o carvão mineral extraído, com exceção da produção das empresas estabelecidas nas regiões de Urussanga e Lauro Müller, era comercializado pela Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá, que mantinha convênios com firmas empreiteiras para a compra e cessões de áreas<sup>8</sup>.

Destaque para o porto de Laguna, escoador da produção carbonífera, que no auge das exportações, por volta de 1925, já apresentava dificuldades para atender à demanda de produção. Outro porto que passou a operar, na época, num processo crescente, foi o de Imbituba, mais tarde levando o nome do seu patrono, Henrique Lage<sup>9</sup>.

Inserida nesta história do ciclo da mineração catarinense, especialmente no que se refere à cidade de Criciúma, está a última mina a ser reaberta nesta cidade, em 1984, onde funciona hoje a Mina de Visitação Octávio Fontana, em homenagem a seu fundador. Suas atividades se estenderam até o ano de 1995, quando foi encerrada a extração de carvão desta mina. Nos foi relatado que para a visitação e a recepção de turistas havia uma Mina Modelo, que, no entanto, na ocasião de nossa visita à cidade, teve de ser interditada por problemas de caimento/deslocamento de rocha do teto. A prefeitura de Criciúma então se preocupou em buscar uma nova mina para a visitação, encontrando para tal função a mina Octávio Fontana.



Fonte: Acervo das autoras

<sup>7</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 148.

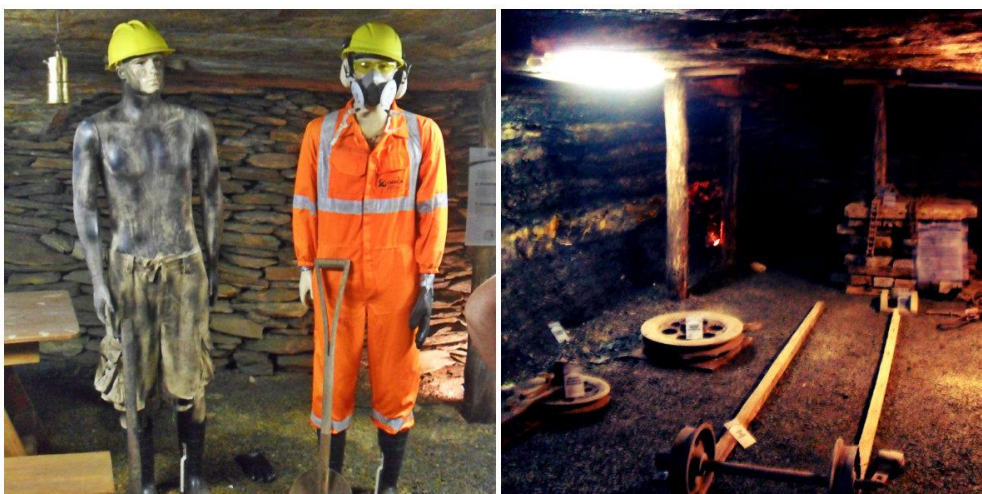
<sup>9</sup> Ibidem, p. 183.

Aline G. Klauck e Sarue Brunetto - O Mapa da Mina

Projetaram-na para ser três vezes mais segura que uma mina comum, tendo a extensão de 320 m para a visitação, não obstante a extensão real dela como mina seja de 3,5 Km. Como a mina se encontra desativada há 16 anos não há mais movimentações de rocha, no entanto, por segurança, continua sendo monitorada a partir de um equipamento chamado extensômetro.

Um aspecto que nos chamou muito a atenção, o qual também se relaciona estreitamente com as atividades desenvolvidas pelo Centro de Memória e Documentação da Unesc (CEDOC), foi a observação das condições de trabalho dos mineiros na mina. O processo de modernização das minas se deu a partir de 1970, no qual muitos setores da mineração começaram a ser mecanizados, citamos como exemplo a passagem da lavra manual para a lavra mecanizada. Entretanto, as más condições de trabalho continuaram: jornadas extensas, pouco descanso e nenhuma proteção à saúde. De modo contrário, com a modernização, o número de casos da doença só aumentou, já que as máquinas da lavra mecanizada produzem muito mais pó durante perfuração da rocha<sup>10</sup>.

Durante muito tempo os mineiros trabalharam assim, como disse o guia que nos acompanhou, “com capacete, calção e botas”, além de a mina ser muito baixa, dificultando o deslocamento por dentro de suas galerias, como pudemos verificar.



Fonte: Acervo das autoras

<sup>10</sup> VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984. p. 42.



Aline G. Klauck e Sarue Brunetto - O Mapa da Mina

Como não trabalhavam com nenhum equipamento para se proteger, nem roupa adequada à mineração, com a perfuração das rochas e o pó que dela resultava, muitos tiveram uma doença chamada pneumoconiose (doença que destrói gradativamente os alvéolos pulmonares, pelo esforço do pulmão em expelir o carvão que se acumula em seu interior), de modo que muitos trabalhadores com 10 anos de trabalho nas minas, ou até menos, vinham a óbito.<sup>11</sup> Atualmente, o Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM exige que todo mineiro trabalhe com equipamentos adequados para evitar qualquer tipo de doença.

O CEDOC, em seus acervos, principalmente os da Justiça do Trabalho, tem como foco de sua atividade a conservação e pesquisa de documentos e registros de diversas mobilizações dos trabalhadores das minas de carvão na região carbonífera catarinense, através do projeto Memória e Cultura do Carvão. Além disso, o CEDIP, Centro de Estudo, Documentação e Informação popular tem como objeto de pesquisa as lideranças sindicais de trabalhadores das minas, suas ideologias e estratégias de mobilização em torno de melhores condições de trabalho.



Fonte: Acervo das autoras

Deste modo o CEDOC se coloca como um guardião disseminador desta memória regional, sobretudo dos trabalhadores mineiros e suas mobilizações, recolhendo, catalogando, preservando e principalmente disponibilizando à população acervos, por meio da pesquisa, dos projetos de extensão e de sua preocupação também com o ensino e com ações educativas que objetivam a valorização do patrimônio cultural regional.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 48.

Aline G. Klauck e Sarue Brunetto - O Mapa da Mina

## Referências

BELOLLI, Mário et al. *História do carvão de Santa Catarina*. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

---

Recebido em 07 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 04 de junho de 2013.

